Dia 1 — São Pânfilo, Presbítero, e seus Companheiros Mártires

São Pânfilo, presbítero e mártir, homem de admirável santidade e sabedoria, como diz o Martirológio Romano, nasceu em Beirute, na Fenícia, sendo sua casa uma das mais distintas da província. Seus pais eram cristãos e puseram o maior cuidado em dar-lhe uma educação cristã. A vivacidade e a singular penetração de seu engenho não esperaram, para se dar a conhecer, os termos regulares da idade; deixaram-se já distinguir desde os primeiros balbucios da infância. Mal tinha dois ou três anos, e já brilhava sua extraordinária agudeza; ouviam-se com admiração seus discursos, suas graças e suas prontidões; mas admirava-se mais sua bela índole e aquela como que nativa disposição que mostrava para tudo o que era virtude e religião.

Depois de ter iniciado os estudos em sua terra, passou a aperfeiçoar-se neles em Alexandria do Egito, teatro onde floresciam então todas as escolas cristãs. Necessariamente havia de fazer grandes progressos nas letras um engenho tão vivo, tão dócil e tão brilhante, acompanhado de costumes tão regrados e tão puros. Adiantou-se tanto nas letras humanas, singularmente na retórica, que Eusébio de Cesareia, que o conhecia bem, assegura ter sido um dos varões mais eloquentes de seu século. Aprendeu a filosofia sob o magistério do santo presbítero São Pedro Pierio, esclarecido mártir, tido por um dos homens mais sábios de seu tempo, cuja vasta e universal erudição lhe mereceu o renome de segundo Orígenes, ou de Orígenes o moço.

De Alexandria passou Pânfilo a Cesareia, acompanhado do alto conceito que merecera por seu engenho, por sua literatura e por sua virtude; e em poucos dias foi a veneração de toda a cidade. Elevou-o seu mérito aos maiores empregos, e em todos deu tantas mostras de sua capacidade e de sua retidão que se levantou com o aplauso e com o amor universal; mas todas as floridas esperanças com que o lisonjeavam sua nobreza, seus talentos e seu mérito singular não foram bastantes para tentar jamais aquele piedoso e desenganado coração. Como tinha tão conhecida a vaidade das honras do mundo e dos bens caducos da terra, nunca se deixou deslumbrar por sua brilhante aparência; e, tendo repartido entre os pobres grande parte de seu patrimônio, abraçou o estado eclesiástico, sendo em breve tempo não só o ornamento, mas o exemplo do clero.

Conhecendo muito bem quanto Pânfilo valia, Agápio, bispo de Cesareia, não quis que aquela lâmpada se mantivesse escondida debaixo do alqueire. Conferiu-lhe as primeiras ordens sagradas e, sem dar ouvidos às representações de sua humildade, elevou-o à alta dignidade do sacerdócio. Como entrou nela com tão santas disposições, em poucos dias foi as delícias daquela igreja por sua eminente virtude e por sua profunda sabedoria. Era sua vida um exercício perpétuo de todas as

virtudes; sobretudo sua humildade e sua caridade foram verdadeiramente extraordinárias. Dedicava todos os seus desvelos ao socorro dos pobres, não só com as esmolas próprias, mas com as muitas que lhes angariava, acrescentando a elas o empregar-se pessoalmente em seu serviço; e, no meio de tudo isso, dizia que era o servo mais inútil do mundo.

Logo que se viu no estado eclesiástico, entregou-se inteiramente ao estudo da sagrada Escritura, aplicando-se unicamente a instruir-se bem na ciência da religião. Pelo ardente amor que professava às letras, aplicou-se a reunir em Cesareia uma numerosa biblioteca, enriquecida com as obras mais excelentes dos autores antigos, para facilitar a todos o meio de se fazerem sábios, aprontando-lhes armas com que refutar as heresias. Conheceu-se muito cedo a utilidade de tão piedoso pensamento; podendo-se dizer que aos desvelos de nosso santo deve a Igreja o não se ter perdido a notícia de sua antiga história eclesiástica. Entre os outros livros dos sábios que procurou reunir estiveram as obras de Orígenes, copiando ele mesmo de sua mão alguns tratados deste autor, que então ainda era tido por católico; e São Jerônimo fazia tão alto conceito de São Pânfilo, professando-lhe ao mesmo tempo tanta veneração que, tendo recobrado o exemplar sobre os doze profetas menores que o santo havia copiado de seu punho, conservou-o com tanta estima e cuidado, segundo a frase do mesmo santo Doutor, como se fossem os tesouros de Creso; porque cada traço do manuscrito se lhe representava escrito com o sangue de um ilustríssimo mártir.

O mesmo desejo que tinha de desterrar a ignorância do clero e de enamorá-lo dos estudos eclesiásticos moveu-o a ensiná-los por si mesmo, abrindo escola pública em Cesareia e ditando a seus ouvintes lições de sagrada teologia; mas cortou todos estes santos exercícios a perseguição da Igreja, que havia quase cinco anos fazia lastimosos estragos no Oriente.

Resolvidos os imperadores Diocleciano e Maximiano a exterminar do mundo todos os cristãos, chegou a tanto sua perseguição que não era lícito comprar, vender, trazer água, moer trigo; enfim, dar passo algum dos mais necessários para conservar a vida, sem haver oferecido antes incenso a uns idolozinhos que estavam colocados nas ruas, nos mercados, nas praças e em todos os lugares públicos onde se exercia algum comércio. Logo que deram paz ao império, derrotando seus inimigos, só pensaram em fazer guerra à Igreja. Resolveu-se a perseguição em Roma por decreto do Senado; e, confirmada por um edito geral dos imperadores nos anos de 302 e 303, foi, por assim dizer, como um dilúvio de sangue que inundou todo o universo. Assegura-se que só no Egito se contaram mais de cento e quarenta e quatro mil mártires e setecentos mil desterrados. No ano 304 foi criado César Maximino, por sobrenome Daia, e sua crueldade contra os cristãos fez tantos excessos ao imperador Maximiano que seus ministros e oficiais, distribuídos pelas províncias do império, não lhe podiam fazer maior lisonja do que sugerir-lhe novos gêneros de suplícios, inventados para atormentar os fiéis de sua jurisdição, correndo rios de sangue pelas cidades e pelas províncias.

Deu o governo da Palestina a Urbano, criatura sua, o qual desde logo se persuadiu de que faria o maior serviço, e daria o mais alegre gosto ao tirano, se mandasse prender o presbítero Pânfilo, reputado por homem extraordinário e por um dos principais mestres que os cristãos veneravam. Esta mesma reputação lhe excitou a curiosidade de vê-lo e tratá-lo; e, fazendo-o vir à sua presença, conheceu de quanta importância seria ganhar um homem daquele conceito e daquele mérito, pelo que não poupou meio algum para pervertê-lo: promessas, ameaças, lisonjas,

tormentos; mas tudo inutilmente. A constância de Pânfilo encheu de assombro o tirano; mas o tirano lisonjeou-se de que, à força de tormentos, conseguiria debilitar ao menos a constância de Pânfilo. Mandou que lhe despedaçassem o corpo com unhas de ferro; e executou-se a ordem com tanta crueldade que até o próprio tirano se horrorizou. Fez-se uma só chaga todo o corpo do mártir, descobriram-se-lhe todos os ossos, e só por milagre pôde viver. Voltaram-no à prisão para repetir-se o mesmo suplício dentro de poucos dias; mas, tendo perdido Urbano a graça do imperador, e com ela a cabeça, Firmiliano, que lhe sucedeu, não se apressou em tirar a vida ao santo mártir. Esteve dois anos no cárcere, permitindo-o assim a divina Providência para consolo de muitos ilustres confessores que confirmou na fé, e para ensino e salvação de grande número de fiéis. Deixou-se-lhe liberdade para falar a seus amigos, e dela se aproveitou para a conversão de muitas almas; porque o glorioso título de confessor de Jesus Cristo dava novo lustre à sua virtude e acrescentava muita eficácia a seu zelo.

Havia perto de dois anos que estava detido na prisão quando voltaram da Cilícia cinco cristãos, naturais do Egito, que haviam conduzido alguns confessores condenados às minas; e estes deram ocasião ao governador Firmiliano para pôr na cabeça de Pânfilo a coroa do martírio. Logo que os cinco egípcios entraram em Cesareia, declararam-se cristãos e no mesmo ponto foram levados ao cárcere, onde mostraram indizível gozo por encontrar nele Pânfilo; o que, sabido pelo governador, mandou que tanto este como os cinco estrangeiros comparecessem em sua presença.

Perguntou àqueles de onde eram e qual era sua pátria. Respondeu o mais jovem: «Todos somos cristãos, e os cristãos não temos outra pátria senão a Jerusalém celestial, à qual esperamos chegar logo por meio do martírio.» Aturdido o governador com esta resposta, mandou que a todos os seis tirassem a vida.

Ouviu pronunciar esta sentença um rapaz de dezoito anos, criado de São Pânfilo, que se chamava Porfírio, e pediu em alta voz licença para enterrar os corpos dos mártires; pelo que ali mesmo foi preso. Perguntou-lhe o governador se era cristão; e ele respondeu que era apenas catecúmeno, mas que esperava merecer a ventura de batizar-se em seu próprio sangue, que estava pronto a derramar pela fé de Jesus Cristo. Enfurecido Firmiliano ao ouvir tão intrépida resposta, mandou aos verdugos que o atormentassem sem piedade se naquele mesmo ponto não sacrificasse aos deuses; e, negando-se resolutamente a fazê-lo, com uma fortaleza que assombrou os circunstantes, foram despedaçadas suas carnes até se lhe descobrirem os ossos. Durou longo tempo este suplício, e Porfírio o sofreu sem exalar uma só queixa. Sua paciência esgotou a do governador, que mandou queimá-lo vivo em fogo lento; o que assim se executou, tendo chegado primeiro à coroa o que fora o último a entrar no combate. Banhou-se-lhe o semblante de uma celestial alegria, e só abriu a boca para pronunciar o nome de Jesus quando viu que se aproximavam as chamas para sufocá-lo.

Imediatamente foi ao cárcere um cristão da Capadócia, chamado Seleuco, para dar a São Pânfilo a alegre notícia do martírio de São Porfírio; e, como saudasse com o beijo de paz um dos mártires, ali mesmo foi preso por cristão e sentenciado a perder a cabeça pela espada; o que se executou no mesmo instante. Parece que o martírio de São Pânfilo franqueava aquele dia a porta do céu mais do que de ordinário, porque a Seleuco seguiu logo Teódulo, velho venerável e antigo criado do governador, que o estimava mais do que aos outros familiares seus por sua bondade e por sua

muita prudência. Não se pode ponderar a cólera de Firmiliano quando lho apresentaram como delinquente, e seu delito foi o mesmo de Seleuco: abraçar um santo mártir. Condenou-o seu amo a morrer como o Salvador, encravado numa cruz, que era o suplício dos escravos. E, cansado o governador com a constância de todos aqueles generosos mártires, fez que lhe trouxessem São Pânfilo com outros dois ilustres confessores de Jesus Cristo: Valente, diácono da igreja de Élia, e Paulo, natural de Jâmnia, homem de muita virtude. Informado de que todos três haviam sido atormentados no tempo de seu antecessor, e conhecendo bem por seu ar, por sua alegria e por sua serenidade que perderia o tempo em voltar a tentá-los para que sacrificassem aos ídolos, o que só serviria para expor a nova confusão sua autoridade, condenou-os a que lhes cortassem a cabeça. No mesmo tempo da execução entrou em Cesareia um jovem da Capadócia, chamado Juliano, cuja virtude, cuja fé e cujo zelo já eram muito conhecidos. Antes de entrar na cidade teve notícia do que nela se passava e, correndo prontamente para ser testemunha do combate dos mártires, achou já seus cadáveres estendidos no chão; abalançou-se a eles, abraçou-os e beijou-os com tão santa intrepidez que aturdiu os próprios pagãos. Prenderam-no ali mesmo e levaram-no diante de Firmiliano, que, colérico e raivoso ao ver que os mais cruéis tormentos só serviam para acender mais o fervor dos cristãos, mandou que logo o queimassem vivo em fogo lento, como a São Porfírio; e foi o duodécimo que alcançou a coroa do martírio neste mesmo dia primeiro de junho de 309. Quatro dias e quatro noites estiveram expostos, por ordem do governador, os santos corpos, para que as feras os despedaçassem; mas nenhuma se chegou a eles em todo este tempo; e, à vista de tão clara proteção do céu, concedeu-se liberdade aos fiéis para que os retirassem e lhes dessem sepultura.

São Segundo, Bispo e Mártir

Entre os sete bispos enviados à Espanha pelos príncipes do colégio apostólico, São Pedro e São Paulo, com o fim de que nela pregassem o Evangelho, reconhece a nação, por uma tradição constante e autorizada, São Segundo como um deles. Embora não se saibam nem sua origem nem os fatos de sua infância e juventude, conhecem-se, porém, as louváveis tarefas de seu apostolado na Espanha.

Chegaram à cidade de Guadix (chamada Acci na antiguidade) Torquato, Ctesifonte, Indalécio, Cecílio e Eufrásio com nosso santo; e, separando-se dali por diferentes partes do reino para cumprir o desígnio de sua missão apostólica (embora a maioria ficasse em várias províncias da Bética ou Andaluzia), Segundo, inflamado em vivíssimos desejos de levar a fé a regiões mais distantes, partiu para a cidade de Ávila, semeando em todos os povos por onde passou a semente do Evangelho, sem temor do poder dos pagãos. Entrou em Ávila, onde se pode dizer que estava por desbravar a vinha do Senhor, e achou um dilatado campo para seu cultivo na multidão de gentios que viviam em mil grosseiros erros e numa espantosa corrupção de costumes; numa palavra, envoltos nas miseráveis sombras da morte e preocupados com as falazes superstições que adotavam os idólatras. Iniciou sua missão com tanto espírito e trabalhou com tanta felicidade que em pouco tempo floresceu a religião cristã entre aqueles naturais; e estabeleceu a piedade em toda a comarca, de maneira que parecia não deixar mais nada a desejar a seu zelo.

Serviram maravilhosamente para dar a sua pregação maior eficácia a confirmação de sua doutrina com repetidos milagres, sua admirável paciência e seu desinteresse apostólico. Com sua afabilidade e doçura conquistava os corações; e, fazendo-se tudo para todos, a todos ganhava para Jesus Cristo.

Reduzidos ao conhecimento do verdadeiro Deus não poucos infiéis, julgou Segundo necessária a construção de um templo, segundo o costume daqueles primitivos séculos, o qual construiu efetivamente perto do rio de Ávila, chamado Adaja, ou Guadaja no tempo dos árabes, onde, fazendo os ofícios de pastor e mestre, celebrava com os fiéis as preces públicas, os ofícios e sacrifícios divinos, conforme o ensino litúrgico que recebera dos Apóstolos, fomentando aquela igreja à custa de seu zelo infatigável até pô-la na constituição mais vantajosa.

No cultivo daquela recém-plantada vinha continuou Segundo alguns anos, como um dos mais ativos operários do pai de família; mas, ofendidos os gentios pelas grandes conquistas que diariamente fazia para Jesus Cristo, pelos muitos pagãos que se convertiam à religião, desenganados com a pregação do santo bispo, na cruel perseguição que suscitou o ímpio Nero contra a Igreja, fizeram-no padecer os mais requintados tormentos em defesa da fé, alcançando por este meio a coroa do martírio pelos anos 90 de nossa era; e, ainda que não nos conste os gêneros de tormentos de que se valeram para render este eminente cedro, brilhante no Líbano da Igreja da Espanha nos princípios de sua conquista para Jesus Cristo, creem-se que seriam os mais cruéis, seguindo o sistema dos tiranos, os quais se cevavam com superior sanha nas cabeças dos fiéis, lisonjeando-se de lhes ser mais fácil reduzir aqueles ao sacrílego culto de seus falsos deuses com o escarmento das mortes desumanas de seus pastores.

Depois que o bem-aventurado bispo triunfou dos esforços dos gentios, depositaram os fiéis suas relíquias num sepulcro de mármore, tidas em grande veneração depois que a Igreja gozou de paz e em todo o tempo que os godos se mantiveram na Espanha, até a irrupção dos árabes, na qual, temerosos os cristãos de que caíssem em poder dos bárbaros, ocultaram-nas na igreja de São Sebastião, onde se mantiveram incógnitas muitos séculos, até que o Senhor se dignou manifestar tão precioso tesouro no ano de 1519, reinando na Espanha Carlos I, na cátedra apostólica Leão X, sendo bispo de Ávila Dom Francisco Ruiz.

Intentou a confraria de São Segundo, fundada muitos anos antes na dita igreja de São Sebastião, abrir comunicação entre as capelas colaterais e a principal; e, derrubando para este efeito os operários a parede da esquerda, um deles, chamado Francisco Arroyo, encontrou um sepulcro de mármore na cavidade da mesma parede, e logrou milagrosamente a cura de uma hérnia que padecia, com só invocar a proteção do santo bispo. Apenas souberam os cidadãos a invenção tão desejada daquele tesouro, que por tradição sabiam estar no mesmo templo, embora ignorassem o sítio, cheios todos de prazer e júbilo concorreram com a justiça secular e eclesiástica à inspeção que determinaram se fizesse, e, aberta a arca do depósito à vista de todo o povo, acharam-se íntegros os ossos de um corpo humano, com as cinzas que denotavam ser a resolução de sua carne, um volume na parte superior da cabeça em forma de mitra, um cálice, uma patena e um anel, no qual estavam gravadas umas letras que diziam: *São Segundo*.

Não ficou dúvida aos de Ávila, à vista destes indícios e do suave odor que despediam as relíquias, de serem as de seu santo pastor, as quais mantiveram descobertas alguns dias, com a custódia correspondente, para satisfazer a devoção dos cidadãos e diocesanos que concorreram a tributar-lhe a veneração devida. Quis o bispo trasladá-las à catedral; mas, tendo-se oposto a cidade, o reitor da igreja de São Sebastião e a confraria de São Segundo, padroeira do templo, convieram por então, enquanto se decidia juridicamente a controvérsia, em que se transferisse à catedral o cálice com o anel e ficasse o resto das relíquias, encerradas na mesma arca em que se acharam, na igreja de São Sebastião, onde, postas à veneração pública, o Senhor se dignou operar muitos milagres pela intercessão de seu servo em favor dos que concorriam a visitar seu sepulcro.

Quase setenta e cinco anos se mantiveram na forma dita, até o de 1594, em que, sendo bispo de Ávila Dom Jerônimo Manrique de Lara, inquisidor-geral da Espanha, pela grande devoção que professava ao santo, solicitou com o maior empenho que se trasladassem à catedral, sob o fundamento de sua maior decência e proporção para que os fiéis as venerassem. Fez uso do breve apostólico concedido para o mesmo efeito a seu predecessor Dom Francisco Ruiz por Sua Santidade Leão X, dado em Roma a 26 de fevereiro de 1520, no sétimo ano de seu pontificado, conseguindo do rei Filipe II que escrevesse à cidade, ao reitor da dita igreja e à confraria do santo, para que condescendessem com os desejos de seu zeloso bispo. Convencidos todos do justo motivo que o animava, concorreram com as demonstrações mais festivas à trasladação desejada, que se fez com a maior solenidade no dia 11 de setembro do ano de 1594 à capela magnífica erigida em honra do santo na mesma catedral, com as doações correspondentes, onde se lhe tributa o obséquio e a veneração devida. No antigo sepulcro puseram uma inscrição, para que assim constasse no futuro quais relíquias nele se guardavam.

Martirológio Romano

Em Roma, São Juvêncio, mártir. Em Cesareia da Palestina, São Pânfilo, presbítero e mártir, homem de admirável santidade e doutrina, o qual, durante a perseguição de Galério Maximiano, sob o poder do presidente Urbano, foi atormentado e posto no cárcere pela fé de Jesus Cristo; tendo sido de novo atormentado sob Firmiliano, consumou seu martírio em companhia de outros. Também padeceram pelo mesmo tempo o diácono Valente, Paulo e outros nove, dos quais se faz comemoração em outros dias.

Em Autun, os santos Reveriano, bispo, e Paulo, presbítero, com outros dez que receberam a coroa do martírio sob o imperador Aureliano.

Na Capadócia, São Terpeso, mártir, que, no tempo do imperador Alexandre e do prefeito Simplício, depois de outros tormentos foi decapitado.

No Egito, os santos mártires Isquirião, comandante de tropa, com outros cinco militares, aos quais, sob o imperador Diocleciano, tiraram a vida pela fé de Jesus Cristo com diferentes gêneros de morte.

Além disso, São Firmo, mártir, o qual, durante a perseguição de Maximiano, foi cruelmente atormentado, apedrejado e, por fim, decapitado.

Em Perúsia, os santos mártires Felino e Graciniano, militares, que, depois de terem padecido diferentes tormentos no tempo de Décio, alcançaram a palma do martírio com uma gloriosa morte.

Em Bolonha, São Próculo, mártir, que padeceu sob o imperador Maximiano.

Em Amélia, São Segundo, mártir, que, lançado ao Tibre sob Diocleciano, consumou nas águas seu martírio.

Em Città di Castello, na Úmbria, São Crescêncio, soldado romano, que recebeu a coroa do martírio no tempo do mesmo imperador.

Na Úmbria, São Fortunato, presbítero, ilustre por suas virtudes e milagres.

No mosteiro de Lérins, São Caprásio, abade.

Em Tréveris, São Simeão, mártir, posto no número dos santos pelo papa Bento IX.

Em Viena, São Cláudio, bispo.

No Poitou, São Jovino, solitário.

Na Auvérnia, São Mion, confessor, cuja vida foi um exercício contínuo de mortificação.

Em Tessalônica, São Otávio, mártir.

Em Antioquia, São Zósimo e Santa Tecla, mártires.

Na África, São Crispim, mártir.

Entre os gregos, São Pirro, bispo.

Em Burgos, na Espanha, no mosteiro de Oña, São Íñigo, abade, célebre por sua santidade e milagres.

Missa (oração)

A missa é do comum de muitos mártires, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Pamphili et sociorum ejus natalitia colere: da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos concedeis a graça de celebrar a festividade de vossos bem-aventurados mártires Pânfilo e seus companheiros, concedei-nos também que em sua companhia gozemos a eterna bem-aventurança da glória. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 5,16-20

> **Latim:** 16 Justi autem in perpetuum vivent, et apud Dominum est merces eorum, et cogitatio illorum apud Altissimum. 17 Ideo accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini : quoniam dextera sua teget eos, et brachio sancto suo defendet illos. 18 Accipiet armaturam zelus illius, et armabit creaturam ad ultionem inimicorum. 19 Induet pro thorace justitiam, et accipiet pro galea judicium certum ; 20 sumet scutum inexpugnabile æquitatem.

Português: 16 Mas os justos viverão para sempre, e a sua recompensa está no Senhor, e o pensamento dêles no Altíssimo. 17 Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema de formosura: Porque os protegerá com a sua destra, e com o seu santo braço os defenderá. 18 O seu zelo se vestirá de todas as suas armas: E ele armará as suas criaturas para se vingar de seus inimigos. 19 Tomará por couraça a justiça, e por capacete a inteireza do seu juízo: 20 Embraçará a eqüidade como escudo inexpugnável:

Nota

«Pode-se dizer que o livro da Sabedoria é uma profética descrição da filosofia cristã e um compêndio das verdades práticas de nossa religião. Prova disto é o capítulo quinto, de onde se tirou a presente epístola. Não pode haver retrato mais vivo, mais expressivo nem mais natural da felicidade dos justos, nem da desgraça dos réprobos.»

Reflexões

O interesse, o amor do deleite, da glória e da vida são as grandes máquinas que põem em movimento nossas operações. Queremos viver, aspiramos ao ócio e amamos tudo o que pode lisonjear o coração e os sentidos. Os empregos mais elevados nunca se consideram desproporcionados a nossos ambiciosos desejos. Tudo está ao nível de um espírito soberbo e cheio de uma ambição desmedida. O homem mais vil, o de mais curtos e limitados talentos, recreia-se em sua imaginação com quiméricas ideias de não sei que fantástica grandeza. Naturalmente se ama a vida, aborrece-se a pobreza e foge-se da humilhação. Quando aprenderão os homens o segredo de viver sempre, e sempre com prosperidade, com alegria e com glória? Há muito tempo se anda em busca deste segredo; as guerras, os pleitos, os estudos, o comércio, os trabalhos da vida, tudo se dirige a encontrá-lo: tempo perdido! fadiga inútil! O Sábio foi quem deu com este segredo, e os santos são os que provam que o encontraram: *Justi in perpetuum vivent*: os santos viverão eternamente; e Deus, único soberano bem e única fonte de todos os bens, lhes tem reservada sua recompensa. Nem penses que esta recompensa se limita unicamente àquela paz, àquela tranquilidade, àquela alegria interior que gozam ainda nesta vida os verdadeiros filhos de Deus; receberão na outra, da mão do Senhor, um reino admirável, um brilhante diadema, rodeado do resplendor da glória. Grandes do mundo, essas coroas que adornam vossas frontes são, quando muito, umas folhas de louro que murcham e secam muitas vezes antes que o sepulcro tenha enterrado vossa memória e vosso nome. Não assim a sorte dos justos: não murcha sua coroa; sua ventura é eterna; jamais se enfastiam; sua saciedade renova eternamente com novos gostos o delicioso apetite; nada altera sua alegria, sua tranquilidade nem seu gozo. Cobre-os o Altíssimo com sua sombra e abriga-os com sua divina destra. Que pode temer, nem quem poderá prejudicar a quem alcança tal abrigo? Defende-os o Senhor com seu poderoso braço. Pois enfureça-se o inferno, conjure-se todo ele contra os bons; adversidades e perseguições, tudo são armas falsas, ruído, susto e nada mais. Defende Deus a seus servos, e não só os livra sua proteção, mas fomenta a inocência e produz a santidade: *Brachio sancto suo*. Coisa estranha é que não sejamos mais sábios, depois que a Igreja nos ensina estas verdades tão cheias de consolo, revelando-nos uns mistérios tão repletos de felicidade. Desenganemo-nos: só no serviço de Deus se faz fortuna; mas quem é o que se apressa em fazê-la por este caminho? Mundanos, que lástima me causam vossos desvarios! Passa-se toda a vossa vida em servir a um amo imaginário, que no fim zomba de vós. Porque, afinal, que é o mundo a quem servimos? Que se adianta em seu serviço? Não são também muito dignos de compaixão muitos que fazem profissão de virtuosos, muitos que vivem em estado de perfeição, se servem a Deus com desídia e negligência? Que ventura, que glória a de servir a Deus!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Lucas.

Lucas 6,17-23

> **Latim:** [17] Et descendens cum illis, stetit in loco campestri, et turba discipulorum ejus, et multitudo copiosa plebis ab omni Judæa, et Jerusalem, et maritima, et Tyri, et Sidonis, [18] qui venerant ut audirent eum, et sanarentur a languoribus suis. Et qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur. [19] Et omnis turba quærebat eum tangere : quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes. [20] Et ipse elevatis oculis in discipulis suis, dicebat : Beati pauperes, quia vestrum est regnum Dei. [21] Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ridebitis. [22] Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejicerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis. [23] Gaudete in illa die, et exsultate : ecce enim merces vestra multa est in cælo : secundum hæc enim faciebant prophetis patres eorum.

Português: [17] Descendo depois com elles, parou numa planice, acompanhado da comitiva de seus discípulos, e de grande multidão de povo de toda a Judéa, e de Jerusalem, e das terras marítimas assim de Tyro, como de Sidonia, [18] que tinham concorrido a ouvillo, e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que erão vexados dos espíritos inmundos, ficavão saós. [19] E todo o povo fazia diligencia por tocallo: pois sahia d'elle huma virtude, que os curava a todos. [20] E levantando elle os olhos para seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque voss he o reino de Deos. [21] Bemaventurados os que agora tendes fome: porque vós sereis fartos. Bemaventurados os que agora chorais: porque vós vos rireis. [22] Bemaventurados sereis quando os homens vos aborecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejcitarem o vosso nome como máo, por causa do Filho do homem. [23] Folgai naquelle dia, e exultai: porque olhai, grande he o vosso galdão no ceo: porque d'esta maneira tratavão aos profetas os pais d'-elles.

Meditação

Da comunhão

Primeiro ponto

Considera quanta admiração teria causado que os que solicitavam com tão viva fé e com tão acendido fervor tocar a orla da veste de Cristo, ou beijar seus sagrados pés, não fossem curados de suas doenças. E será menos digno de admiração o que estamos vendo cada dia em tantos enfermos da alma, que não só tocam o Salvador, mas o recebem inteiro na Eucaristia, da qual se alimentam, e com tudo isso não sanam de seus espirituais achaques? Nem a virtude que então saía de Jesus Cristo se debilitou, nem seu poder diminuiu, nem sua bondade é menor. De onde nascerá que seu preciosíssimo sangue e seu adorável corpo não produzam hoje tantas maravilhas? Os mesmos acidentes, as mesmas paixões, os mesmos defeitos, as mesmas fraquezas depois da comunhão que antes. Sobressaltar-nos-íamos, desconfiaríamos totalmente da saúde de um enfermo em quem se experimentassem inúteis os remédios mais eficazes. Pois em que se funda

nossa segurança depois de tantas comunhões sem fruto?

Toca Jesus Cristo com sua divina mão um morto que levavam a enterrar, e o morto ressuscita; a mulher que havia tocado a orla de sua veste recobra a saúde no mesmo instante. Hoje não é já a orla da veste do Salvador a que se toca na comunhão: tens nas mãos seu corpo e seu sangue, recebe-se e come-se; mas a alma se mantém tão débil como se não o tivesse tocado. Que paixão se venceu depois de tantas comunhões? Que vício se emendou? Que virtude se conseguiu? Uma só comunhão bastava para fazer-me santo; posso contar cento e vinte, duzentas, mais de mil, e acho-me tão imperfeito, tão indevoto, e talvez mais vicioso do que antes de ter a ventura de alimentar-me com este celestial manjar. Reflexão é esta que deve estremecer toda alma em que tenha ficado algum rastro de religião; e mais quando, por desgraça nossa, nos sobram fundamentos para fazê-la. Com efeito, que remédio poderá já aproveitar a quem não aproveitam o corpo e o sangue do Salvador do mundo? Que medicina será eficaz, se esta é inútil?

O fastio que nos causa o pão dos anjos será indício de muita santidade? O desalento, a fraqueza, os achaques que padecemos depois de tantas comunhões não nos estão anunciando uma morte próxima? E com tudo isso estamos tranquilos! E nem sequer pensamos nisso! Oh fatal segurança!

Segundo ponto

Considera até onde chega a fineza de todo um Deus, que puramente pelo amor que nos tem quer esconder-se entre as espécies sacramentais da sagrada Eucaristia. Verdadeiramente não só é um Deus o que nos ama, mas nos ama como Deus. E que olhemos com tanta indiferença, com tanta frieza, para esse grande Deus naquele mesmo mistério em que dá tudo aos excessos de seu amor! Não é este outro mistério ainda muito mais incompreensível? Que homem, nem ainda que bárbaro, que estivesse bem instruído do que cremos neste mistério, poderia crer que amássemos tão pouco a Jesus Cristo?

Para nada precisa dos homens este divino Salvador; e com tudo isso nada lhe parece o ficar por eles encerrado numa hóstia até o fim de todos os séculos; tanto os ama, tanto gosto tem em morar com eles! Pelo contrário, os homens nada são e nada podem fazer sem ele, e no meio disso nada lhes importa que fique ou não fique em sua companhia; tão pouco o estimam, tão pouco o amam e tão pouco apreço fazem de tê-lo consigo.

Se uma fatal experiência não nos tivesse familiarizado com este monstro de iniquidade, daríamos por segura nossa eterna reprovação à vista da monstruosa indiferença com que olhamos a Jesus Cristo na Eucaristia, singularmente depois de tantas comunhões sem devoção e sem fruto. Mas, porque não nos atemorizemos, deixaremos de ter menos motivo para atemorizar-nos?

Que deve pensar uma pessoa em cujo coração entra Jesus Cristo com tanta frequência! Converte-se Zaqueu no mesmo momento em que o recebe em sua casa; à nossa veio muitas vezes sem converter-nos! Oh Deus, que matéria tão abundante para tristes, mas proveitosas reflexões!

Que devem pensar esses homens privilegiados, respeitáveis aos próprios anjos por seu sagrado caráter! Esses sacerdotes do Altíssimo que oferecem cada dia o divino sacrifício e se alimentam com o Cordeiro sem mancha! Quanta deve ser sua pureza, sua devoção, seu fervor, sua santidade! Qualidades que pede indispensavelmente a alta dignidade do sacerdócio. Ser sacerdote e ser imperfeito: oh, que deformidade tão monstruosa!

Mas que deverão pensar esses mesmos, se, sob pretexto de respeito, se retiram da sagrada mesa? Como se manterão na viagem, que forças terão para o caminho sem a provisão deste pão celestial? Querem fugir da mesa de Jesus Cristo para não abandonar os vícios e as paixões que os fazem indignos de sentar-se a ela.

Ah, Senhor, que dolorosos remorsos me causam estas reflexões sobre toda a minha vida passada! Muitas vezes vos recebi; mas que fruto tirei de tantas comunhões, que com muita razão posso chamar indignas? Meu afastamento delas não me faz mais inocente. Espero que, com vossa divina graça, a primeira me há de mudar inteiramente, e vou dispor-me para fazê-la.

Jaculatórias

> *Ecce, qui elongant se a te, peribunt.* Sl 72.

Perecerão, Senhor, os que se afastam de vós.

> *Parasti in conspectu meo mensam, adversus eos qui tribulant me.* Sl 22.

Pusestes diante de mim vossa sagrada mesa, para cobrar forças contra os ataques de meus inimigos.

Propósitos

1. Não comungar porque alguém se sente imperfeito é fugir do médico e da medicina precisamente por estar enfermo. Comungar e ficar sempre nas mesmas imperfeições é morrer de fome no meio da abundância; uma e outra coisa, indício verdadeiramente fatal. Mal está o que olha com horror as mais saudáveis viandas; não está melhor o que, comendo-as, não lhe aproveitam. Pretexto especioso, mas vão, aquele afetado respeito de que alguns se prezam para ocultar de si mesmos sua própria indevoção: não é bom espírito o que afasta as almas da sagrada mesa. Ainda não são tão ímpios que se atrevam a chegar-se a ela indignamente; conhecem que é preciso dispor-se para fazê-lo, e esta disposição os prende e os detém.

É preciso privar-se de certos gostos, mortificar os sentidos, viver com algum recolhimento, retirar-se, ao menos, o dia antes da comunhão. A isto não se acomoda o amor-próprio, e recorre ao artifício. Faz-se presente aquele divino sacramento rodeado de todo o seu esplendor; a majestade, a santidade de um Deus oculto nas aparências de pão atemorizam; parece-lhes que vai crescendo em sua alma o respeito e o temor; e, em lugar de inferir daqui que devem reformar-se para fazer-se menos indignos daquele celestial banquete, concluem que devem abster-se dele, e com esta enganosa consequência fica desafogado o amor-próprio.

Reprova sempre este erro e nunca te deixes cair neste laço. Tem perpetuamente na memória os saudáveis conselhos de São Francisco de Sales e segue-os. «Se os mundanos (diz o santo) te perguntarem por que comungas tão amiúde, dize-lhes que é para aprender a amar a Deus, para purificar-te de tuas imperfeições, para livrar-te de tuas misérias, para consolar-te em tuas aflições, para fortalecer-te em tuas fraquezas. Dize-lhes que dois gêneros de gente hão de usar da frequente comunhão: os perfeitos, porque, estando bem dispostos, fariam muito mal em não se aproximar da fonte da perfeição e da santidade; e os imperfeitos, para fazer-se perfeitos: os fortes, para não se fazerem fracos; e os fracos, para fazer-se fortes: os enfermos, para sarar; e os sãos, para não adoecer; e que, como tu és imperfeito, fraco e enfermo, tens necessidade de comunicar frequentemente com aquele que é tua perfeição, tua fortaleza e teu médico. Dize-lhes que as pessoas do mundo que não estão muito ocupadas devem comungar amiúde, porque têm comodidade; e as que estão empregadas em grandes negócios não devem fazê-lo com menos frequência, porque têm necessidade de maiores auxílios; e que quem trabalha muito em lavores muito pesados necessita de alimentos mais sólidos e de comer mais vezes do que outro. Dize-lhes que tu comungas muitas vezes para aprender a comungar bem, porque ordinariamente se faz mal o que se faz raras vezes.»

2. Com tudo isso, lembra-te de que, se se obriga a entrar na sala do banquete os coxos, os cegos e os débeis, é com a precisa condição de que todos hajam de entrar com a veste nupcial. A ninguém se dispensa nas condições necessárias para comungar bem. Prepara-te sempre para a comunhão desde a véspera; visita para este fim o Santíssimo Sacramento e propõe-te o fruto particular que desejas tirar da seguinte comunhão; não te arrede a dificuldade, porque quem possui a Jesus Cristo se faz, de certo modo, onipotente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:49 by Admin